

INFÂNCIA E PEDAGOGIA DO MST: UMA CONTRIBUIÇÃO DA PRÁTICA EDUCATIVA PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DAS CRIANÇAS SEM TERRA.

Eixo Temática - Población, género e identidad

Márcia Mara Ramos¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo socializar a prática educativa da Pedagogia do MST desenvolvida com as crianças dos acampamentos e assentamentos e a sua contribuição para a formação da identidade na construção dos assentamentos como territórios da reforma agrária. O MST em 2014, organizado em 23 estados brasileiros, completou 30 anos de luta, resistência e ocupação do latifúndio da terra. As lutas pela terra, pela Reforma Agrária e pela transformação social, são os objetivos que norteiam a organização coletiva do MST na perspectiva da formação humana. Os desafios da luta para a organização e construção do território, o enfrentamento ao “latifúndio da terra, da ignorância e do capital”, são bases fundamentais para o processo de formação coletiva das famílias que ocupam a terra. A realidade histórica brasileira, enraizada na concentração fundiária, marcou a luta do MST, desde a sua origem, por direitos. A inspiração na luta revolucionária, a solidariedade internacional e a organização da sociedade cubana, em especial a sua pedagogia, vem sendo um referencial desde a década de 1980 para a construção da pedagogia do MST. A Ciranda Infantil, criada em 1997, foi uma das inspirações motivada pelos Círculos Infantis Cubanos. A Ciranda se tornou um espaço de referência da criança Sem Terra, como também das organizações nacionais e internacionais da Via Campesina. A Ciranda Infantil, lugar ocupado pelas crianças de 0 a 12 anos, tem proporcionado uma vivência educativa, um fazer criativo, nos diferentes espaços organizativos, como também permitido maior participação e inserção da mulher no conjunto das ações do MST. Este trabalho, ao longo dos 30 anos do MST, se tornou uma prática educativa, cuja intencionalidade permitiu a construção de instrumentos que foram criados pelo movimento como a própria Ciranda Infantil, as jornadas dos Sem Terrinha, as produções (litero-musicais), canções produzidas no seu processo como um todo com as crianças, o Jornal e a Revista das Crianças Sem Terrinha. Essa experiência proporcionou, nos últimos anos, uma relação de solidariedade internacionalista entre as crianças palestinas e cubanas, reafirmando uma prática de socialização, produção e solidariedade através da realidade social das crianças. A luta pela construção da sociedade socialista é uma perspectiva de vida que deve se dar desde o nascimento até a velhice. E a pedagogia socialista é a principal referência para essa perspectiva.

Palavras chave – Sem Terrinha - Pedagogia – Luta – Identidade -Território.

¹ Coletivo Nacional de Educação do MST. Mestranda em Educação na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Vinculada ao grupo de pesquisa “História, Sociedade e Educação no Brasil” – HISTEDBR. Bolsista da CAPES. marciapterra@gmail.com

Considerações iniciais.

Algumas inspirações dos processos revolucionários nos leva a refletir e incidir coletivamente no trabalho com a Infância Sem Terra no Brasil. Práticas educativas que no decorrer da história foram protagonizadas por homens, mulheres, crianças, jovens e idosos, possibilitando coletivamente o enfrentamento ao modelo econômico, social e político, na ocupação do território para a construção de uma sociedade socialista. A Pedagogia Socialista, referencial desse trabalho, fundamentada na perspectiva teórico-metodológico da Pedagogia Histórica-crítica no Brasil e da Pedagogia do MST tendo como dimensão a existência humana como sujeito histórico, se referencia nos processos revolucionários de luta internacional.

Na Nicarágua (1979), em depoimento em seu livro *Nicarágua a revolução das crianças*, Caco Barcelos nos apresenta o papel que o conjunto da sociedade exerce na luta e organização dos processos revolucionários. E nesse caso, as crianças como sujeito coletivo, participam da luta na revolução sandinista por uma necessidade concreta. Lutar ou morrer. Barcelos nos apresenta o “exército das crianças contra o tanque da guarda”. A média de idade das crianças rebeldes é de 11 anos, e Zapote, de 12 anos, é comandante e líder de um grupo de meninos vinculado à organização no Movimento Sandinista. Em tempos normais, esses meninos vão pra escola, brincam, se apaixonam, andam de bicicleta...

Na guerra de setembro, Zapote se revelou guerrilheiro. Destacara-se por organizar uma coluna de cinquenta bombeiros, meninos como ele, que defendeu a cidade de um massacre maior. Na fase final daquela revolta, o exército sandinista recuara para as colinas, e havia poucos homens na cidade: a maioria foi morta ou desapareceu como seu pai. Os velhos impossibilitados de fugir foram assassinados sem motivo. Só restara a resistência do exército de Zapote. (BARCELOS, 1982, p.83)

Na União Soviética, o pedagogo Viktor Nikolaevich Shulgin(1894-1965) afirma que para o direcionamento do trabalho educativo na perspectiva da pedagogia socialista, é preciso ter clareza no projeto educacional, identificar a base do programa social, bem como o referencial de estudo e que se faz necessário o trabalho intencional com um plano do nível de participação. Nesse caso, a organização está voltada para a reconstrução do país e para a construção de um Estado Socialista, onde o trabalho exerce um o papel fundamental como princípio educativo, permitindo que o ser humano se reconheça na sua produção. No caso das crianças soviéticas, para Shulgin, a escola tem o objetivo claro de ensinar a lutar e construir a partir da sua prática coletiva e das questões da atualidade.

“(…) as crianças sabem que na sua quadra falta uma dúzia de torneiras. Escreveram um protocolo. Foram para o Conselho. Insistiram para ser recebidas, ouvidas, insistiram para que as torneiras fossem entregues. Isso foi na última primavera e, no verão, o Conselho cumpriu sua promessa – as torneiras foram entregues. E os pioneiros marcham de lenços vermelhos e sabem que essa é a sua tarefa, que isso *eles* conseguiram, mas a obra é comum.” (SHULGIN, 2013, p.119)

A junção entre trabalho e estudo para as crianças está relacionada à junção do trabalho intelectual e manual com a finalidade do conhecimento tecnológico nas suas várias dimensões. As relações sociais fazem parte da vida material na qual o conhecimento vai sendo apropriado humanamente e desenvolvido.

No Brasil as crianças Sem Terrinha, participam desde o acampamento até os diferentes espaços de luta e resistência do movimento. Como ilustração, citamos a última atividade nacional organizada, o VI Congresso do MST, em fevereiro de 2014, onde as crianças Sem Terra, de 0 a 12 anos, juntamente com mães, jovens e educadores do MST, foram denunciar o descaso dos órgãos públicos que, historicamente no campo brasileiro, tem uma relação de abandono e descaso com a educação brasileira. Nos últimos 12 anos, foram fechados mais de 37 mil escolas no campo. Em 2011, O MST lançou a campanha “*Fechar escola é crime!*”. Nesse campo da denúncia, as crianças de diferentes lugares do Brasil ocuparam o Ministério da Educação (MEC) para denunciar a realidade social, econômica, cultural e principalmente histórica do país e reafirmar a importância da luta coletiva e do movimento organizado para o questionamento da educação brasileira.

A palavra de ordem em destaque pelas crianças foi “*o agronegócio fecha as escolas do campo. Fechar escola é crime!*”. A conquista dessa luta é significativa no contexto conjuntural, pois, na sequência dessa ação, resultou a Lei 12.960, de 27 de março de 2014, que dificulta o fechamento de escolas rurais e quilombolas, publicado no Diário Oficial, 28 de março de 2014². Essa é mais uma das conquistas que as crianças Sem Terra foram protagonistas.

São algumas realidades desenvolvidas nos processos de luta, mas tantas outras, como os Pioneiros em Cuba que participaram e participam ativamente do processo revolucionário cubano, as crianças indígenas da Guatemala e El Salvador, as crianças camponesas da Argentina e tantas outras, que estão vinculadas às organizações coletivas que enfrentam o modelo capitalista de forma crítica e fazendo luta. Mas há, também, muitas crianças que não estão vinculadas a nenhum tipo de Movimento e luta organizada e que são exploradas e excluídas de todos os direitos sociais.

São essas e outras referências de práticas sociais que fundamentam e dão significado à Pedagogia do Movimento. Os desafios colocados para a sociedade são muitos, os limites também, mas é necessário o fazer, mesmo que seja pontual, sem perder a dimensão de classe. Certamente, o papel da organização coletiva foi determinante para o processo de construção do projeto social e organização da classe nas experiências dos países que fizeram revolução. A educação é uma frente primordial na revolução que caminha junto ao projeto social, porque a essência principal está na construção da coletividade, a auto-organização da classe.

Introdução

Esse trabalho tem por objetivo socializar a prática educativa da Pedagogia do MST desenvolvida com as crianças dos acampamentos e assentamentos e a sua

² Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2014-03/sancionada-lei-que-dificulta-fechamento-de-escolas-rurais-e-quilombolas> acesso as 19:38 23/07/2014.

contribuição para a formação da identidade na construção dos assentamentos como territórios da reforma agrária.

A Luta pela Terra no Brasil existe desde a colonização. A herança que os povos nativos e africanos deixam para os movimentos sociais e popular é a continuidade da luta e resistência no campo, se organizando e contrapondo-se ao sistema capitalista através das diferentes lutas pautada pela classe trabalhadora.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) surge no Brasil como organização nacional na década de 1984, final da ditadura militar, e se consolida como uma organização nacional de camponeses. A luta do MST é afirmada como continuadora da luta das Ligas Camponesas, cuja atividade central na sua organização era a luta pela terra e pela Reforma Agrária. O processo de origem ocorre no final da década de 1970, onde a mecanização e modernização da agricultura no Brasil, como parte da política da ditadura militar capitalista, substitui os trabalhadores do campo. É nesse contexto que o MST surge como Movimento Nacional, graças aos debates provocados pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) que estimula a oficialização da organização nacional. O MST define o seu caráter e objetivos como movimento popular e político de organização dos trabalhadores do campo, definindo que *“somos um movimento de massas de caráter sindical e política. Lutamos por terra, reforma agrária e mudanças na sociedade”*. (MST, 2001, p.153)

O MST, na sua formação histórica da luta coletiva, constituiu-se como uma organização nacional que tem como princípios básicos o enfrentamento ao latifúndio da terra, o latifúndio da ignorância e o latifúndio do capital.

A forma de pensar e organizar a coletividade e sua incidência no processo formador das famílias que passam a fazer parte do Movimento Sem Terra possibilita a inserção das pessoas como parte construtora de uma totalidade do acampamento e assentamento. Esse lugar ocupado por pessoas que não têm o trabalho, não têm a moradia e outros direitos sociais, contribui para o reconhecimento de suas condições como sujeito de direitos e para a luta pela conquista da terra e da reforma agrária, bem como para a defesa do território ocupado e para a constituição da identidade política de Sem Terra.

As crianças não estão fora desse processo produtivo e educativo do MST. Desde o surgimento do movimento, elas participam da luta. Ao pertencer à luta pela terra com a sua família, as crianças passam a colocar no horizonte a terra como lugar de produção e vivência-morada, permitindo que se identifiquem e se reconheçam nesse território ocupado. Os Sem Terrinha participam e contribuem com o processo organizativo das famílias acampadas ou assentadas desde o seu espaço educativo infantil até o espaço do conjunto do acampamento e assentamento.

A ocupação do latifúndio da terra como espaço físico, ganha forma através da organização da luta camponesa. A ocupação deste espaço se dá através das lutas sociais que pressionam através da luta pela terra como forma de questionar a estrutura fundiária no Brasil, exigindo a reforma agrária. É nesse contexto que o MST, nesses 30 anos, ocupa a terra, obtém conquista através de sua luta e conquista um território que vai sendo demarcado com as linhas políticas da luta pelo direito à terra e à Reforma Agrária. Com a conquista do assentamento, as contradições são muitas, como a falta de políticas agrícola, educacional, entre outras, o que reafirma que a luta pela terra com a conquista da terra não termina, pois no sistema capitalista a luta da classe trabalhadora é

permanente. No assentamento, a luta se faz por créditos agrícolas, por projeto habitacional, por saúde, saneamento básicos, educação etc.

A luta também se dá no campo da produção agrícola: a agricultura camponesa³ tem perdido o território para o Agronegócio,⁴ que desenvolve a monocultura da cana, do eucalipto e da soja, pois a política governamental tem priorizado a agricultura de mercado tornando o campo espaço de desertificação.

A luta pela ocupação da terra como processo coletivo para a formação do indivíduo se fortalece numa relação de projeto de classe, permitindo sair da esfera do privado. A produção coletiva, a reflexão-ação, a avaliação e o protagonismo, como processo, reafirma a possibilidade e a importância de um fazer educativo das pessoas inseridas na luta.

É visível que o coletivo tem mais acesso e mais força para reivindicar, para adquirir bens e fazer ações sociais. O tempo livre do coletivo é maior para contribuir com outros grupos sociais, para estudar, para socializar a experiência e fazer ações na própria comunidade.

Podemos dizer que a vida coletiva forja a identidade das crianças Sem Terra através da pedagogia do movimento baseada na luta como elemento fundamental da construção de uma sociedade mais humana, solidária e coletiva.

Nesses 30 anos do MST, a criança esteve presente desde a sua origem. Como membro de uma família, acompanhavam seus pais desde as primeiras ocupações. O reconhecimento dessa relação conjunta exige que a investigação sobre a criança tome como ponto de partida sua materialidade, neste caso, requer a compreensão das relações sociais de seu contexto marcado na luta pela terra e vinculado a um Movimento que tem como estratégia política a transformação radical da sociedade. É necessário, portanto, estabelecer nexos e relações que contemplem tanto a criança como o grupo social (o Movimento, classe trabalhadora) ao qual pertence, considerando que a criança não está separada da vida material e, portanto, ela é parte constitutiva da construção histórica do Movimento.

Ciranda Infantil uma conquista das crianças Sem Terra.

A Ciranda Infantil surge no MST como parte de um processo de organização dos acampamentos e assentamentos, da luta pela participação das mulheres no MST e da construção de um espaço que dialogasse com a luta e com a infância Sem Terra. Esse processo, nos anos 1990, faz parte do jeito organizativo que MST vai configurar o movimento nacional através dos setores (Produção, Educação, Formação, Comunicação, Frente de massa, Gênero, Saúde, Cultura...) e de pensar a cooperação que tem como base a distribuição do resultado da produção, a organização da produção do assentamento, da participação do conjunto das famílias nos diferentes espaços e, em especial a participação da mulher nos processos produtivos e formativos.

A experiência do Estado do Ceará, pioneira das primeiras práticas educativas com crianças, “impulsionaram o coletivo nacional de educação discutir, em 1996, pela

³ Agricultura Camponesa – Nome utilizada pelos camponeses e camponesas da Via Campesina como identidade de um projeto da classe trabalhadora, o qual se diferencia do projeto da agricultura de negócio oferecida pelo sistema capitalista.

⁴ Agronegócio – Projeto neoliberal do sistema capitalista para a agricultura de mercado. Predominante no Brasil com plantio de monocultura de eucalipto, soja e cana-de-açúcar.

primeira vez a educação infantil” (MST – documento interno, 2006). Em 1995, essa experiência era denominada de Creche. O debate surge pela necessidade da participação das mulheres militantes atuarem na luta do Movimento. A alternativa foi construída visando à participação da mulher no MST, como um espaço para deixar as crianças enquanto trabalhavam. Esse espaço, num primeiro momento nomeada Creche Itinerante, organizada com apoio da UNICEF⁵ de Fortaleza, mais tarde teve o seu nome alterado em homenagem a uma criança que faleceu no assentamento: Ciranda Infantil Paloma⁶.

A Ciranda Infantil é definida como espaço de encontros das crianças, lugar de brincar, de viver a infância, de arquitetar planos, cantar, dançar, pintar, criar e recriar, conspirar independentemente da idade. Ela reforça nas crianças a importância da *vivência em coletivo* e, principalmente, da intencionalidade das atividades pedagógicas ligadas ao processo de formação da luta. E essa referência se torna educativa para as famílias Sem Terra que percebem a existência do coletivo infantil, no acampamento e assentamento a partir do trabalho desenvolvido com as crianças, na Ciranda permanente. Nos documentos do MST de 2004, afirma-se:

A Ciranda Infantil é um espaço educativo, organizado com o objetivo de trabalhar as várias dimensões do ser criança Sem Terrinha como sujeito de direito, como valores, imaginação, fantasia e personalidade em formação, vínculo às vivências com a criatividade, a autonomia, o trabalho educativo, a saúde e a luta pela dignidade de concretizar a conquista da terra, a reforma agrária, as mudanças sociais. (MST, 2004, p.37)

A Ciranda torna-se uma referência na formação das crianças Sem Terra. Ela se constitui, portanto, como um território da infância no MST, um espaço que ela pode ocupar e criar suas referências. É a partir desse espaço coletivo que outras vertentes da vida da criança se interpenetram, juntando a experiência de participar da luta do Movimento, a relação com a escola, o cotidiano na família e o dia a dia que vive como acampada ou assentada. A participação das crianças e da comunidade nesse espaço ganha significação para os acampamentos e assentamentos, como também para as atividades gerais do MST.

A Ciranda Infantil e o trabalho com a infância Sem Terra se tornaram referência para as crianças do MST, bem como para o conjunto da organização Sem Terra. Espaço esse proporcionado para outras organizações nacionais e internacionais. A Ciranda Infantil passou a influenciar os movimentos da CLOC (Coordinadora Latinoamericana de Organizaciones del Campo) e Via Campesina no Brasil e internacionalmente. No Brasil, o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e a Pastoral da Juventude Rural (PJR), nas suas atividades estaduais e nacionais, têm garantido esse espaço para suas crianças, como também a inserção da mulher na organização.

Em nível internacional, na Argentina, o Movimento Nacional Campesino Indígena (MNCI)⁷ participou da formação de educadores com o MST e realizou o

⁵ Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF.

⁶ Informação obtida pela coordenadora do Setor de Educação do Estado do Ceará, Maria de Jesus, 27 de março de 2013.

⁷ Visita à experiência em Buenos Aires (2010) conversa com educadores do MNCI sobre a participação na formação do curso de educadores Infantis - Região Nordeste, na participação do grupo no Encontro estadual do Sem Terrinha do Estado de São Paulo (2010) e nas conversas com educadores sobre o processo do trabalho com as crianças – (2014).

Congresito de los Niños, durante o seu Congresso Nacional. Outras experiências é o trabalho desenvolvido junto às crianças Guarani no Paraguai com a Coordenação Nacional das Organizações de Mulheres Trabalhadoras Rurais e Indígenas (CONAMURI); no Chile, a Associação Nacional de Mulheres Rurais e Indígenas (ANAMURI); na Colômbia, com a Coordenação Nacional Agrário (CNA); nas conferências Internacionais e a Cúpula dos Povos, onde todas elas tiveram a constituição da Ciranda Infantil, organizada pelo MST.

Comunicação e cultura ocupando o universo infantil

As reflexões do MST sobre a criança, no seu processo histórico de constituição, estavam voltadas às práticas educativas na perspectiva da pedagogia socialista. Nesse horizonte, foram produzidos alguns materiais como fitas K7, CDs, livretos de cantigas infantis e literaturas. O que levou o MST a organizar essas produções foi a realidade vivida nos acampamentos e assentamentos e a necessidade de instrumentos de comunicação nesses e entre esses contextos. Além disso, a falta de acesso a materiais que dialogassem com o próprio Movimento fez com que ele, por meio do coletivo nacional de educação, experimentasse o exercício de produzir coletivamente literatura, canções infantis, reflexões sobre os processos educativos.

Inicialmente, a referência e inspiração para a produção dos materiais foram as experiências cubanas. Educadoras e educadores do MST vivenciaram um processo de intercâmbio e solidariedade internacionalista, conhecendo as práticas de educação em Cuba. A socialização dessa experiência desencadeou ações concretas no conjunto da organização, coordenado pelo o Setor de Educação Nacional, resultando no Curso Nacional de Pedagogia, realizado em Belo Horizonte, em 1994. Este curso contou com várias oficinas de produções de arte e literatura para as frentes de Educação de Jovens e Adultos – EJA, Educação infantil e Educação Fundamental. Essas oficinas tiveram o objetivo de fazer produções coletivas para as diferentes idades⁸.

a) As Canções infantis: Uma das linguagens muito utilizada no processo de comunicação e cultura do MST. A primeira Fita K7, nomeada *Plantando Ciranda*”, foi resultado de um trabalho coletivo realizado na oficina de educação para produções de músicas infantis e literaturas, que aconteceu em 1994. A segunda versão desse processo de musicalização infantil, agora em formato CD, *Plantando Ciranda 2*, foi produzido em 1998 com composições de caráter individual e com a participação de artistas amigos do MST. As canções se apresentam em uma linguagem infantil e trazem os animais, a floresta, a terra, a brincadeira como elementos fundamentais. O terceira processo de produção musical foi o CD *Plantando Ciranda 3*, produzido em 2014, que contou com o Fazer Com as crianças desde a elaboração das músicas, da melodia a gravação do próprio CD.

b) As literaturas Infantis: As primeiras produções de literatura para a infância, datam de 1994 e têm como principal temática os conteúdos relativos à história do Brasil. Foram produções direcionadas para as escolas por conta da realidade de escassez deste tipo de material e da necessidade dos Sem Terrinha terem acesso nos acampamentos e assentamentos, bem como para o trabalho pedagógico desenvolvidos com as crianças em seus diferentes espaços. Através do setor de educação foram organizadas algumas coleções como *Fazendo Escola*; *Fazendo História*; *Caderno de Educação*; e *Boletim de Educação*. As produções da coleção *Fazendo História*, por exemplo, é composta por 6 livros destinados às crianças dos acampamentos e assentamentos.

⁸ Informação obtida por meio de conversa com o Coordenador do Setor de Educação Nacional - Edgar Kolling, São Paulo, 22 de março de 2013.

A partir do V Congresso (2007) e do 1º Seminário Nacional sobre a Infância (2007), os setores de Cultura, Comunicação e Educação têm produzido, nos últimos seis anos, um material específico para as crianças. O primeiro material de caráter coletivo foi o *Jornal das Crianças Sem Terrinha*. O primeiro jornal foi publicado, em outubro de 2007. No ano seguinte, as edições foram incorporadas como encarte ao *Jornal Sem Terra*, de periodicidade mensal, e passaram a contar com um planejamento temático com objetivos de ser não somente *para*, mas também *das* crianças.

O *Jornal das Crianças Sem Terrinha* é uma novidade em um movimento camponês por ter encarado o desafio de escrever para crianças e adultos.

Outro material produzido pelo MST direcionado às crianças é a *Revista Sem Terrinha*. No ano de 2009, foi publicada a 1ª edição, com o objetivo de ser uma produção voltada para as crianças, com uma periodicidade anual. Trata-se de uma produção que procura trazer a história, contada de forma crítica, dos movimentos sociais do Brasil e dos outros países, por meio da arte, das brincadeiras e de jogos, com a intenção de garantir que as escolas tenham acesso à Revista como também aos diferentes espaços educativos das crianças do MST.

A Infância e o Internacionalismo

As produções de comunicação e de cultura do *Jornal* e *Revista das Crianças Sem Terrinha*, além de trazer as temáticas nacionais, também mostraram o avanço de educadores do MST que se desafiaram a escrever temas internacionais para crianças.

Os temas de comunicação infantil, nos três últimos anos, se basearam nos princípios a solidariedade intencional do MST. Foram desenvolvidos temas da realidade de três países. A Palestina, contando histórias a partir da vida das crianças e da realidade vivida por elas no campo do enfrentamento cotidiano. Cuba, na campanha de libertação dos cinco Heróis. E Venezuela, na homenagem a Hugo Chaves, contando a história de sua infância.

As histórias estimulam o pensar das crianças, desde a organização do espaço infantil, para o aprendizado da solidariedade e do contato com a realidade do mundo. A *Revista das Crianças Sem Terrinha* mostra o esforço que o MST vem fazendo para que sua concepção de mundo, ou seja, de movimento político e popular com suas formas organizativas cheguem até as crianças. E a forma simbólica reflete sobre a organização do assentamento, bem como da inserção política a ser realizada desde infância.

Na história Palestina de *Layla e Samir: Os sonhos de duas crianças na Palestina* é abordado o tema do internacionalismo e da campanha de solidariedade às crianças palestinas que o MST tem organizado.

A realidade da Palestina foi contada em forma de história para as crianças *Sem Terrinha*, por meio de uma representação de crianças deste país, trazendo a sua luta, a sua vida cotidiana e seus sonhos. A infância palestina é caracterizada por meio de sua vivência na escola, pela caminhada toda sexta-feira para plantar oliveiras, pela presença na manutenção da resistência em seu país junto com os adultos. A vivência da infância aparece associada aos soldados israelenses, com a presença de bombas e com prisões. Um muro que separa as infâncias palestinas e israelenses é apresentado como aquele que, embora existente, não tira o sonho de liberdade e resistência.

A relação das gerações para o MST é muito forte e na história palestina se reafirma essa relação com o tempo histórico, provocando efeito de continuidade na formação das crianças. A solidariedade internacionalista entre os povos apresenta-se como um dos valores que o MST, nos 30 anos de existência, tem reafirmado através dos documentos e práticas de vivência com outros povos, nos diferentes continentes. Em

relação à Palestina, uma brigada de militantes tem participado dessa experiência de resistência, inclusive nas colheitas de oliveiras.

O objetivo em trazer essas temáticas para as crianças explicita também um desejo em estimular as crianças desde pequenas a serem solidárias com outros povos. A Revista foi trabalhada nos encontros dos Sem Terrinha, momento que proporcionou ainda a criação de música pelas crianças de desenhos, de cartinha dos Sem Terrinha, produção de vídeo, poesias e que foram enviadas para as crianças palestinas e cubanas. Um dos exemplos dessa relação foi a produção coletiva da música *Palestina livre*⁹, feita pelas crianças do estado do Pará,

Convidamos as crianças para pintar o muro da desigualdade.
É o Sem Terrinha cantando e ocupando com a sua ginga.
Reforma agrária justa e liberdade uma canção de roda.
Palestina livre: um sonho que também é brasileiro.
Oh, Palestina.
Menino livre solta pipa e joga bola.
Nossa Ciranda convida tuas crianças pra dançar na roda.
E de mãos dadas sonhando a liberdade a ser conquistada.
Oh Palestina!

A contribuição da pedagogia do Movimento na formação da identidade das crianças Sem Terra e na ocupação do território da luta pela terra está no jeito que o MST vem se propondo pensar no trabalho com a infância que não está desassociado do contexto da luta. Ela se relaciona com a vida material sem deixar de ter suas fantasias, seus sonhos, amizades e compartilhar de um lugar com outras crianças. O lugar que as crianças ocuparam no MST é seu por direito, pois entendendo que ela está no MST desde a primeira ocupação de terra e participa das marchas, das reuniões e de um conjunto de atividades que acontece no interior do MST, o Sem Terrinha tem mostrado que acompanha todas as atividades do MST e apresenta com qualidade as ações que eles ajudam a construir. Além da disciplina infantil, as campanhas de solidariedade à Palestina e Cuba, os trabalhos são de uma expressividade na qualidade e solidariedade que reafirmam a importância da pedagogia da coletividade.

Considerações finais

A criança Sem Terra no MST tem a oportunidade de viver coletivamente e aprender a enfrentar a vida junto com os adultos, com a diferença de que ela pode reivindicar a sua participação ativa.

A luta pela efetivação da educação infantil tem demarcado um território no Brasil e o MST tem buscado dar sentido e mais visibilidade nas ações com as crianças, como também fazendo a luta por políticas públicas. Esse direito só é reconhecido a partir do momento que os órgãos responsáveis são pressionados por essa política e mesmo com a luta política, muitas vezes não se efetiva. Nesse sentido, o MST vem organizando alternativas para as crianças ter espaços educativos e não se desvinculem da sua luta.

1. Ciranda Infantil: A Ciranda Itinerante e permanente é uma referência na construção da identidade Sem Terrinha, por permitir que a criança participe do processo

⁹ Música do CD Plantando Ciranda 3, produzida no Encontro estadual dos Sem Terrinha do Estado do Pará.

organizativo do movimento e faça parte da sua construção histórica. E, nesses 17 anos, a Ciranda também se tornou um espaço importante para a participação da mulher no MST. Na reflexão de que as crianças não sejam o impedimento para a participação da mulher nos diferentes processos formativos e nem seja um problema para a organização, desde então, a **Ciranda Infantil** caracteriza-se como fundamental para o fortalecimento da participação da mulher e da criança nas diferentes atividades do MST, tornando-se uma cultura na organização e sendo realizada nos diferentes espaços, local, estadual e nacional, caracterizando-se uma conquista das crianças e uma referência para o MST.

2. Comunicação infantil. A discussão da cultura da infância e da necessidade de ter um material de comunicação infantil foi um ponto muito debatido que ampliou para os demais setores do MST e foi uma conquista das crianças que, após o V Congresso Nacional do MST, reforçou esse veículo de comunicação em nível nacional e tem por objetivo ser um espaço de socialização das crianças.

3. O internacionalismo na formação das crianças.

O MST se fortalece como organização social e política através da solidariedade internacional. E as crianças têm assumido através das escolas do movimento e das jornadas dos Sem Terrinha uma relação de socialização e intercâmbio com as crianças de outros países. Essa relação tem estimulado as crianças a pensarem na realidade das outras das crianças e a contarem a sua realidade, proporcionando desde a organização do espaço infantil, a aprendizagem da solidariedade até o contato com a realidade do mundo.

A condição da criança emerge e é significada a partir de uma perspectiva de resistência e de presença na luta. Estes são dois elementos fundamentais para pensar os modos como a infância é significada, em especial no contexto da luta pela terra. No caso do MST, a terra em seu significado de luta é a possibilidade para a reprodução da existência humana. E, nesse lugar, a criança não está fora, ela faz parte e também constrói significado para a luta pela terra.

Referências

BARCELOS, Caco. Nicarágua. **A Revolução das crianças.** Mercado Aberto, Porto Alegre, 1982.

LOMBARDI, José Claudinei. SAVIANI, Dermeval. (orgs.) **Marxismo e Educação: debates contemporâneos.** 2º edição. Editora Autores Associados, Campinas 2008.

_____. **Reflexões sobre Educação e Ensino na obra de Marx e Engels.** (Tese de livre docência) UNICAMP, Campinas/SP 2010.

PISTRAK. **Fundamentos da escola do trabalho.** Ed. Expressão Popular. São Paulo, 2000.

MOVIMENTO SEM TERRA. **A História da Luta pela Terra e o MST.** Ed. Expressão Popular, São Paulo, 2001.

_____. **A Escola Itinerante Paulo Freire no 5º Congresso.** Coleção Fazendo Escola nº4. Brasília, 2008.

_____. **Crianças em Movimento: As Mobilizações Infantis no MST.** Coleção Fazendo Escola nº 2. São Paulo, 1999.

_____. **Educação Infantil. Movimento da vida, dança do aprender.** Caderno de Educação nº12. São Paulo, 2004.

_____. **Princípios Filosóficos e Pedagógicos.** Caderno de Educação n° 8. São Paulo, 1996.

_____. **Reforma Agrária Popular.** Caderno de Formação Interno. São Paulo: 2009.

_____. Revista das Crianças Sem Terrinha. N°5. São Paulo, 2012.

_____. Revista das Crianças Sem Terrinha N°6. São Paulo, 2014.

RAMOS, Márcia Mara. **A significação da Infância em documentos do MST., vol. 9, n. 2. Rio de janeiro, 2013.**

ROSSETTO, Edna Araújo. **Essa Ciranda não é Minha só, ela é de todos nós: A Educação das Crianças Sem Terrinha no MST.** Dissertação de Mestrado UNICAMP, 2009.

SILVA, Ana Paula Soares da; FELIPE, Eliana & Márcia RAMOS. Infância do Campo. IN: CALDART, Roseli; PEREIRA, Isabel; ALENTEJANO, Paulo & FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs). **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, São Paulo, 2012. SHULGIN, Viktor N. **Rumo ao Politecnismo.** Ed. Expressão Popular, São Paulo, 2013.